

Performances da passividade sexual masculina¹

Thiago Rizan²

Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo – ESPM-SP

RESUMO

Esta pesquisa, parte de um doutorado em andamento, investiga como criadores de conteúdo adulto no Brasil tensionam o imaginário social da passividade sexual masculina. Ao capturar rastros midiáticos, o estudo se propõe a pensar a emergência de uma subjetividade que performa a passividade com orgulho, rasurando o imaginário social que a estigmatiza. O artigo parte de cartografias anteriores de Michel Misse e Peter Fry, além da concepção expandida de Richard Schechner sobre performance, para entender como alguns homens gays estão ressignificando a passividade no contexto urbano pós-massivo, transformando-a em uma performance do orgulho passivo. O objetivo é contribuir para uma compreensão da sexualidade masculina que possibilite formas de ser e estar no mundo menos subalternizadas e assujeitadas por ideais hegemônicos.

PALAVRAS-CHAVE: performance da passividade; passividade sexual masculina; imagens da passividade; imaginário da passividade; orgulho passivo.

PARA PENSAR A PASSIVIDADE

“Muitos pensam que o cara da quebrada não pode ser passivo no sexo, e eu tento quebrar esse pensamento. Por que eu, cheio de marra, tenho que ser só ativo?”. “Tive essa vontade de querer desafiar, de sentir tudo ao mesmo tempo, de saber até onde posso ir, ter vários paus só pra mim, sabe?”. Ambas as falas são originadas de entrevistas de produtores de conteúdo adulto: a primeira é de Bruno ZL, conhecido nas redes sociais digitais como Novinho da ZL, em entrevista para o G1³; e a segunda é de Petrick Garcia, que gravou uma cena como passivo sexual para 28 ativos, em entrevista para revista Híbrida⁴.

É a partir de rastros comunicacionais como esses que começamos a pensar sobre um tensionamento ao imaginário social da passividade masculina no Brasil. Se outrora, a

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Comunicação, performances e corporalidades, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Doutorando e mestre em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM-SP). Professor do Curso de Jornalismo da Universidade de Sorocaba (Uniso), e-mail: thiago.rizan@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2023/12/16/muitos-pensam-que-o-cara-da-quebrada-nao-pode-ser-passivo-no-sexo-diz-bruno-zl-um-dos-maiores-criadores-de-conteudo-18-do-brasil.ghtml>. Acesso em: 28 mar. 2025.

⁴ Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/revista/edicao-8-desejo/petrick-garcia-28-bastidores-entrevista/>. Acesso em: 28 mar. 2025.

passividade sexual masculina era compreendida como um estigma, parece-nos que no contexto pós-passivo contemporâneo, há uma subjetividade insurgente que se orgulha da própria passividade.

Tal reflexão faz parte de uma pesquisa de doutorado em andamento junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP), que se dá no âmbito do grupo de pesquisa CNPq Juvenália, coordenado pela Profa. Dra. Rose de Melo Rocha, no qual os integrantes se interessam por questões estéticas, raciais, geracionais e de gênero na comunicação e no consumo.

Para fim de delimitação desta comunicação, interessa discutir crítica e teoricamente a emergência de uma passividade sexual masculina que se dá a ver por meio da produção, circulação e consumo audiovisual no contexto pós-massivo que sugere, ao nosso olhar, a insurgência de uma subjetividade que transforma o estigma do passivo em um orgulho passivo.

Para tanto, partirmos dos estudos de Michel Misse (2003) e Peter Fry (1982) para cartografar o imaginário social da passividade masculina no Brasil. Os autores apontam as cadeias imaginárias em circulação que associam a passividade masculina a um detrimento do homem que é penetrado. Isso ocorre tanto no âmbito da linguagem e expressões do cotidiano como no discurso médico-científico do final do século XIX e início do século XX.

De modo geral, o próprio termo “passivo”, no imaginário brasileiro, é relacionado a “mole”, “bobo”, “submisso”, “aceita tudo”, “idiota”, “fresco”, “viado”, “medroso”, “fraco”, “covarde”, “palerma”, “bunda mole”. Já para ativo foram usados “sujeito de ação”, “enérgico”, “imponente”, “dominador”, “impõe”, “resolve”, “homem”, “macho”, “corajoso”, “forte”, “agressivo”, segundo identificou Misse (2003) ao questionar seus entrevistados sobre qual o significado de passivo para eles.

Quando analisa especificamente os palavrões e expressões de gírias brasileiras, o autor aponta que tudo que é relacionado ao genital masculino (pênis) confere prestígio ao portador, enquanto o feminino (vagina) ou seu correspondente homossexual (ânus), estigma. Ele escreve:

Todos os objetos relacionados simbolicamente com o pênis são de forma densa, pesada, forte, agressiva, invulnerável (“pau”, “cano”, “barra”, “ferro”).

Servem como símbolo de vitória e prestígio, mas denotam dificuldade e heroísmo. Os símbolos para a vagina (ou o ânus) são intrinsecamente pejorativos, recordam ação indesejável, são feios e devem ficar sempre escondidos (“fossa”, “segredo”, “boca”, “moleza”, “boceta”) (MISSE, 2003, p. 76).

A estigmatização da passividade é tamanha que tanto Misse (2003) como Fry (1982) observaram em suas pesquisas que o homem ativo em uma relação sexual com outro homem não é tão estigmatizado quanto o passivo. Nas entrevistas de Misse (2003, p. 77), “viado” é um termo atribuído ao que “dá para outro homem”; já o que “come” pode até, em certas situações, gozar de relativo prestígio ao contar que “comeu um viado, o que pode significar, neste contexto, que o rebaixou, que o estigmatizou, que o ‘fodeu’”. Na etnografia de Fry (1982), é a categoria “bicha” que é utilizada em vez de “viado”, mas com o mesmo sentido e abarcando ainda não apenas o comportamento sexual da pessoa em questão, mas também o “comportamento social”. Assim, no campo de Fry (1982), mesmo que o homem não se relacionasse sexualmente com outro homem, a ele poderia ser atribuída a categoria de “bicha” de acordo com o que contemporaneamente concebemos como performatividade de gênero, ou seja, o modo como ele se colocava e era percebido pela sociedade.

Os “homossexuais passivos” tentavam seduzir na rua com sussurros obscenos, revelavam-se fazendo trejeitos e falando de modo afetado, exagerado e nauseante, imprimindo ao tom de voz um falsete máximo e usando as formas verbais femininas. Todas as suas energias estavam dirigidas para conseguir um encontro no qual eles desempenhassem o papel feminino (LANDES, 1940 *apud* FRY, 1982, p. 59-60).

Acontece que essas cadeias imaginárias estigmatizantes não estão circunscritas às pessoas heterossexuais. Fry (2003, p. 9) descobriu que alguns de seus entrevistados “bichas” procuravam relações com “homens de verdade”, ridicularizando relações entre duas “bichas” como “quebra louça” ou “lesbianismo”. Dois depoimentos de homens homossexuais pinçados pelo autor ilustram esse pensamento:

É que no próprio homossexual está muito pouco esclarecido a respeito da sua homossexualidade, tanto assim que reproduz, na prática, os padrões heterossexuais, caricaturando as funções de atividade e passividade, por exemplo. Existe sempre aquela “bicha pintosa”, “desmunhecada”, à procura do seu “bofe”, isto é, daquele que vai exercer o papel masculino na relação (MANTEGA, 1979 *apud* FRY, 1982, p. 106)

Há também aqueles homossexuais com mentalidade machista: ao desempenhar um papel “ativo”, acreditam não ser contaminados pela homossexualidade. Para eles, os homossexuais são os outros. São preconceitos machistas dentro de uma sociedade que forjou esses mitos dentro do próprio pensamento homossexual (MANTEGA, 1979 *apud* FRY, 1982, p. 106).

Em concordância com Cornelius Castoriadis (1982), o imaginário social é um magma inefável no qual nos fazemos sociedade e articulamos mundos internos e externos. Logo, homens gays não se fazem sujeitos fora desse magma do imaginário e são por ele atravessado, contribuindo para construir suas próprias concepções sobre a passividade masculina – de si e dos outros.

Notam-se pistas da vigência desse imaginário social da passividade masculina em entrevista de Pedro HMC (PHMC) com Marcos Goiano (MG)⁵, reconhecido no circuito do pornô gay masculino das redes sociais digitais por sua passividade sexual:

MG: Os passivos na internet são sempre criticados [...].

PHMC: Até na vida, você ouve em rodas de amigos, ‘ah o passivo’. Você nunca vai ouvir o ativo como chacota, como piada.

MG: Justamente, o passivo [referem-se como] ‘ah, aquela arrombada’, ‘aquela larga’. Vários memes que fazem comigo, o BlessedBoy e alguns meninos do exterior: ‘o buraco [da camada] de ozônio’, ‘buraco negro’, ‘túnel Rebouças’.

É em justaposição a esse imaginário estabelecido que algumas subjetividades parecem emergir nas produções audiovisuais autorais de Novinho da ZL, Petrick Garcia e Marcos Goiano. Interessa justamente pensar tais subjetividades insurgentes e orgulhosas em uma aproximação com o complexo e flexível conceito de “performance”, especificamente na concepção de Richard Schechner (2013, p. 4), que a faz afim “das vanguardas, da marginalidade, do não convencional, das minorias, do subversivo, do bizarro, do *queer*, dos negros e dos outrora colonizados”.

Schechner (2013) é taxativo ao defender que qualquer coisa pode ser estudada *como* performance. Não há nada, segundo ele, intrínseco a determinada ação que a qualifique ou não como performance, de modo que ele propõe que toda ação é uma performance (SANTOS, 2020), então possibilitando usar a lente da performance para pensar tais ações/atuações/apresentações sexuais.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7WRThMcb5Ck>. Acesso em 28 mar. 2025.

[...] no século XXI, distinções claras entre “é” performance e “como” performance estão desaparecendo. Isso faz parte de uma tendência geral em direção à dissolução das fronteiras. Internet, globalização e a cada vez mais onipresente mídia estão saturando o comportamento humano em todos os níveis. Mais e mais pessoas experienciam suas vidas como uma sequência de performances em série que, frequentemente, se sobrepõem [...] (SCHECHNER, 2013, p. 49).

Quais as possibilidades e potencialidades de refletir criticamente sobre uma performance da passividade sexual orgulhosa? Em uma dimensão sexo-política (PRECIADO, 2014), alguns autores com os quais se dialoga nesta pesquisa permitem caminhar com tal noção – performance da passividade masculina – em direção a uma “ética da passividade” como defendido por Sáez e Carrascosa (2016) ao pensarem em uma valorização da posição passiva. Em suas imagens autorais, Novinho da ZL, Petrick Garcia e Marcos Goiano se orgulham de seus malabarismos anais. “Qual passivo nunca sonhou em ter várias rolas?”, pergunta-se Petrick na entrevista para a revista Híbrida.

Por meio de pistas audiovisuais dessas performances da passividade sexual dos sujeitos em questão, mas não somente, observa-se uma rasura ao imaginário social da passividade masculina. Tais pistas estão sendo compreendidas enquanto “atos performáticos arquivados”, em referência direta a Adriana Amaral, Thiago Soares e Beatriz Polivanov (2018), para quem registros oficiais ou amadores em circulação nos espaços digitais são profícuos para pensar a interface Performance-Comunicação, pois não só a cultura digital viabiliza o acesso ao material em circulação tal como “a própria mediação tecnológica vai causar afetações nos modos como certos sujeitos, inscritos em territórios geográficos distintos e espaços *online* comuns, vão performatizar seus modos de fruição [...]” (AMARAL; SOARES; POLIVANOV, 2018, p. 73). Ou, no âmbito desta pesquisa, performatizar seus modos de ser/estar/dar no mundo.

Talvez estejamos, assim, contribuindo para construir uma “epistemologia que perpassa a superfície da pele, mas, também, por toda as entranhas e que tenha como mote o final do reto” (LEOPOLDO; COLLING, 2016, p. 16), esse lugar ainda obscuro com o qual pretendemos flertar com o auxílio dos estudos da performance, esgarçando definições e explorando outras possibilidades de fazer e estar no mundo.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Adriana; SOARES, Thiago; POLIVANOV, Beatriz. Disputas sobre performance nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. **Intercom** – RBCC. São

Paulo, v. 41, n. 1, p. 63-79, 2018.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 5a. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FRY, Peter. **Para inglês ver**: identidade e política na cultura brasileira. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

LEOPOLDO; Rafael; COLLING, Leandro. Por uma ética da passividade. In: SAEZ, Javier;

CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu**: políticas anais. Belo Horizonte: Letramento, 2016. p. 9-17.

MISSE, Michel. **O estigma do passivo sexual**: um símbolo de estigma no discurso cotidiano. 3. ed. Rio de Janeiro: Booklink, NECVU, IFICS, UFRJ, 2007.

PRECIADO, [Paul] Beatriz. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1, 2014.

SAEZ, Javier; CARRASCOSA, Sejo. **Pelo cu**: políticas anais. Belo Horizonte: Letramento, 2016.

SANTOS, Thiago Henrique Ribeiro dos. **“Deixe-me ser teu templo de promiscuidade”**: consumo escópico do excesso nas performance-vida e performance post mortem de Hija de Perra. 2020. 230 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, ESPM-SP, São Paulo, 2020.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies**: an introduction. 3rd ed. New York: Routledge, 2013.